

Para comer, para beber ou para remédio? Categorias de uso múltiplo em Etnobotânica.

To eat, to drink or to remedy? Multipurpose use categories in Ethnobotany.

Odara Horta Boscolo¹

ISSN
1809-9475

Artigo
Original

Original
Paper

Recebido em
11/2012

Aprovado em
04/2013

Palavras-chave

Conhecimento tradicional

Comunidades tradicionais

Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba

Plantas Medicinais

Resumo

A utilização de plantas combina uma série de fatores, mostrando a interdependência entre o homem biológico, social e cultural. Dessa forma, as relações entre o homem e o meio ambiente são estabelecidas. Estudos etnobotânicos enfrentam a difícil tarefa de organizar as informações e observações do uso de plantas por comunidades locais em categorias com base nas referências culturais das próprias comunidades. Durante esse processo, uma linha tênue é desenhada entre a categoria medicinal e a alimentícia. Para algumas comunidades, no entanto, esta distinção, simplesmente não existe. O objetivo deste trabalho é registrar quais plantas são usadas como alimentos e remédios, ao mesmo tempo, por entrevistados selecionados no Município de Quissamã, para averiguar essa dualidade. No total, 39 espécies de plantas foram encontradas, pertencentes a 23 famílias botânicas, sendo que Myrtaceae (5 espécies), Cucurbitaceae (4 espécies) e Solanaceae (4 espécies) as mais representativas. A ambiguidade das utilizações para fins alimentícios e medicinais mostra a complexidade das categorias nativas. Apesar dos avanços científicos, essas categorias, que fazem parte das estruturas de crenças e representações da população local, não desaparecem. Esta pesquisa exemplifica de forma prática como é obscura a inserção das informações êmicas em categorias e atenta para diálogo maior entre as diversas disciplinas que formam o arcabouço da etnobotânica.

Abstract

The use of plants combines a number of factors, showing the interdependence of the biological, social and cultural man. This way the relationship between men and environment are established. Ethnobotanic studies faces the difficult task of organizing the information and observation of the use of plants by traditional communities into categories based on the cultural references of the communities themselves. During this process, a fine line is drawn between the medicine and food categories. For some communities, however, this distinction simply does not exist. The aim of this work is to register which plants are used both as food and medicine by selected respondents in City of Quissamã and investigate this duality. In total, 39 plants species were found, belonging to 23 botanic families, of which Myrtaceae (5 species), Cucurbitaceae (4 species) and Solanaceae (4 species) are the most representative ones. The ambiguity of plants utilization for food and medicinal purposes shows the complexity of the native categories. Despite the scientific advances, these categories, which are part of structures of beliefs and representations of local people, do not disappear. This research exemplifies that the inclusion of emic information in categories is unclear and alert to a greater dialogue between the various disciplines that form the framework of ethnobotany.

Keywords

Traditional Knowledge

Traditional Communities

Restinga de Jurubatiba National Park

Medicinal Plants

1. Introdução

A Etnobotânica pode ser definida como o estudo da relação existente entre o Homem e as Plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos. Alguns autores a definem como: campo científico, que estuda as inter-relações as quais se estabelecem entre o ser humano e as plantas, através do tempo e em diferentes ambientes (XOLOCOTZI, 1982); estudo das sociedades humanas, passadas e presentes e todos os tipos de inter-relações ecológicas, evolucionárias e simbólicas (ALEXIADES, 1996).

A Etnobotânica passou por diversas tendências, desde simples trabalhos com listagens das plantas úteis em determinadas populações, até a compreensão de como essas populações interagem com as plantas, considerando o conhecimento êmico, sua cosmologia; a diversidade vegetal e a diversidade cultural; o uso, o manejo e a conservação da biodiversidade, dentre outros. Porém, se for pensado bem, assim que o ser humano começou a interagir com o reino vegetal, nasceu a Etnobotânica (SCHULTES; REIS, 1995).

Atualmente, a etnobotânica tenta se comprometer com o mundo em desenvolvimento, adotando uma posição estratégica com seu foco integrativo (ALCORN, 1995). Permite um melhor entendimento das formas pelas quais as pessoas pensam, classificam, controlam, manipulam e utilizam espécies de plantas e comunidades. Pesquisas de cunho etnobotânico podem ajudar planejadores, agências de desenvolvimento, organizações, governos e comunidades a conceber e implementar práticas de conservação e desenvolvimento (TUXILL; NABHAN, 2001).

O homem é e sempre foi dependente do uso de plantas para a sua sobrevivência. Essa utilização vai desde as necessidades mais básicas como alimento e medicina até para fins mágicos, ritualísticos e simbólicos. Porém, ele não é só dependente, mas também manipulador de paisagens e responsável por uma parcela da coevolução com os vegetais. Para alguns autores, como Balée (1991), o manejo realizado pelas populações traz uma diversidade ao ambiente maior que a existente nas condições naturais onde não existe a presença humana.

Por mais que algumas espécies se extingam, a intervenção humana resulta num aumento real da diversidade ecológica e biológica de um lugar específico ou região.

Ao considerar que as populações locais possuem um conhecimento sobre os ambientes que ocupam, que é de real valia para sua adaptação, o saber-fazer acumulado é e pode ser transmitido oralmente ao longo das gerações. Esse conhecimento é dinâmico, e novos conhecimentos são adicionados aos conhecimentos locais (OLFIELD; ALCORN, 1991).

Estudos etnobotânicos enfrentam a difícil tarefa de organizar as informações e observações do uso de plantas por comunidades locais em categorias com base nas referências culturais das próprias comunidades. Durante esse processo, uma linha tênue é desenhada entre a categoria medicinal e a alimentícia. Para algumas comunidades, no entanto, essa distinção, simplesmente não existe. O objetivo deste trabalho é registrar quais plantas são usadas como alimentos e remédios, ao mesmo tempo, por entrevistados selecionados no Município de Quissamã, para averiguar essa dualidade.

Esse local mostrou-se interessante para desenvolver este trabalho etnobotânico devido a suas peculiaridades como a diversidade da população residente (descendentes de escravos, de índios Goytacazes e trabalhadores rurais vindos de outros locais para lidar na lavoura açucareira) e a diversidade religiosa que inclui católicos, evangélicos, espíritas e umbandistas. O Município abriga a maior parte do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, único Parque Nacional em área totalmente de restinga, sendo uma das mais conservadas do país (BOSCOLO, 2003).

2. Material e Métodos

O Município de Quissamã (22°05'S, 41°28'W) localiza-se na região norte do Estado do Rio de Janeiro, possui em seu território o maior ecossistema de restinga do estado, com cerca de 50 mil hectares, onde se localiza o Parque Nacional de Jurubatiba. Esse ambiente abriga diversas comunidades vegetais distintas quanto à fisionomia e composição florística (ZONEAMENTO AGROECOLÓGICO DA RESTINGA, 1994).

De fevereiro de 2001 a janeiro de 2002 foram realizadas excursões mensais à referida localidade. Optou-se pela abordagem da Observação Direta na qual o pesquisador tem um grande contato com a comunidade, mas sem um envolvimento total. Para a seleção dos informantes, foram feitos contatos com os moradores que demonstraram possuir conhecimento sobre os usos das plantas e, a partir desses, foram obtidos outros informantes, caracterizando a técnica da “bola de neve” (BAILEY, 1994). Foram contatados 10 informantes que, além de sua ocupação profissional, agiam também como curandeiros e benzedores.

O primeiro instrumento a ser elaborado foi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O processo de consentimento livre e esclarecido teve por objetivo permitir que a pessoa que está sendo convidada a participar da pesquisa compreenda os procedimentos, riscos, desconfortos, benefícios e direitos envolvidos, visando permitir uma decisão autônoma. A obtenção de consentimento livre e esclarecido é um dever moral do pesquisador, é a manifestação do respeito às pessoas envolvidas no projeto (CLOTET, 1995). Esse termo documenta a autorização do sujeito da pesquisa e permite que as informações básicas possam ser mantidas para leitura posterior. Seus princípios estão resguardados pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 196/96, que atualmente regula as pesquisas em questão.

Também foi confeccionado formulário com perguntas abertas e fechadas (REA; PARKER, 2000) que trata dos dados pessoais de cada informante e sobre as plantas informadas.

Depois foram realizadas entrevistas visando obter dados acerca das plantas por eles indicadas como alimento e ao mesmo medicinal. Foram consideradas como alimentícias aquelas plantas consumidas cruas ou cozidas como, por exemplo, frutas *in natura*, bebidas, infusões alcoólicas, condimentos, alimentos para animais, dentre outros. E como plantas medicinais, aquelas capazes de promover cura, bem estar e prevenção de doenças. De

posse das informações acerca das plantas utilizadas, acompanhamos os informantes aos locais de onde usualmente eles as obtêm, seja em seus próprios quintais e ruas, seja na restinga. Todo material foi devidamente herborizado e depositado no Herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro (R). Para a identificação do material, foi utilizado microscópio estereoscópico, comparação com outros materiais de herbário, envio de alguns espécimes para especialistas e consulta à literatura especializada.

3. Resultados e Discussão

Uma das tarefas mais árduas dos trabalhos de Etnobotânica é encaixar as indicações das plantas que os informantes (visão êmica) indicam, nas categorias predeterminadas pelos pesquisadores (visão ética). Essa tradução do êmico ao ético se faz necessária para que as respostas sejam uniformizadas para as análises subsequentes. Porém, perguntado para os entrevistados, quais as plantas que eles utilizam e para que fim, as respostas mostram que, para eles, a comida é também remédio. Não fazem uma distinção formal do que é só para comer ou só para se medicar, acreditam que quando se alimentam, ao mesmo tempo estão “fortalecendo e curando o organismo”.

Este conceito “alimento/medicamento” é muito natural para os informantes e segue a mesma filosofia do que atualmente a sociedade chama de alimentos funcionais ou nutracêuticos. Ou seja, os alimentos ou bebidas que são consumidos na alimentação cotidiana podem trazer benefícios fisiológicos específicos, graças à presença de ingredientes fisiologicamente saudáveis (CÂNDIDO; CAMPOS, 2005).

No total, 39 espécies de plantas foram encontradas, pertencentes a 23 famílias botânicas, sendo que Myrtaceae (5 espécies), Cucurbitaceae (4 espécies) e Solanaceae (4 espécies) as mais representativas (Tabela 1). Os frutos são a parte mais utilizada (26 indicações), seguida das folhas (18 indicações) e cascas do tronco (6 indicações) (Tabela 1).

Tabela 1- Plantas informadas tanto para alimento como para medicamento: Família e Nome científico, Nome Popular, Indicações, Parte vegetal utilizada.

Família e nome científico	Nome popular	Indicações	Parte vegetal utilizada
ANACARDIACEAE <i>Anacardium occidentale</i> L. R- 202068 (OHB 78)	caju	Diabete, dor de garganta, feridas, aftas, cólicas intestinais, tosse, bronquite, fraqueza do organismo, debilidade muscular.	Cascas do tronco, folhas e fruto.
<i>Mangifera indica</i> L. R- 202069 (OHB 102)	manga	Feridas, tosse, bronquite, asma, cólicas, diarreia, inflamações em geral.	Cascas do tronco, folhas e frutos.
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi R- 202042 (OHB 90)	aroeira	Gripe com febre, bronquite, feridas, inflamação no útero.	Cascas do tronco e frutos
ANNONACEAE <i>Annona muricata</i> L. R- 202035 (OHB 45)	graviola	Diabete	Folhas e frutos
ARACEAE <i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott (OHB 94)	inhame-branco	Reumatismo, moléstias da pele, convalescença, fraqueza	Tubérculos
ARECACEAE <i>Cocos nucifera</i> L. R- 202072 (OHB 62)	coco	Raquitismo, vermes, prisão de ventre, anemia, erisipelas, fraqueza, desnutrição.	Frutos
BRASSICACEAE <i>Sinapis nigra</i> L. R- 202059 (OHB103)	mostarda	Dores nas costas, dores nas articulações, pulmão congestionado, inflamações localizadas.	Flores e folhas
BROMELIACEAE <i>Ananas comosus</i> (L.) Merr. (OHB 63)	abacaxi	Dor de garganta, vermes, inflamações em geral, doenças da bexiga, reumatismo, restaura o fluxo menstrual, tosse, problemas nos pulmões, queimaduras, coceiras.	Frutos
CARICACEAE <i>Carica papaya</i> L. R- 202048 (OHB 60)	mamão	Bronquite, tosse, gripe, vermes, dermatoses, prisão de ventre.	Flores, frutos, látex e sementes.
CONVOLVULACEAE <i>Ipomoea batatas</i> (L.) Poir. R- 202050 (OHB 80)	batata-doce	Cicatrização, furúnculos	Folhas e tubérculos
CUCURBITACEAE <i>Cucumis anguria</i> L. R- 202002 (OHB 75)	maxixe	Hemorroidas, feridas, furúnculos.	Frutos
<i>Cucumis sativus</i> L. R- 202003 (OHB 76)	pepino	Problemas na bexiga, rins, inflamações dos olhos, sarna, coceira.	Casca do fruto e frutos
<i>Lagenaria vulgaris</i> Ser. R- 202010 (OHB 86)	abóbora d'água	Problemas no fígado e baço	Flores, frutos e pecíolo.
<i>Momordica charantia</i> L. R- 202070 (OHB 119)	melão-de-são-caetano	Febre, reumatismo	Folhas e frutos
LAMIACEAE <i>Ocimum gratissimum</i> L. R- 202062 (OHB 116)	alfavacão	Gripe, artrite, gases	Folhas
<i>Ocimum micranthum</i> Willd. R- 202001 (OHB 48)	alfavaca	Reumatismo, cólicas menstruais e intestinais, ânsia de vômito, bronquite, tosse, expectorante	Folhas
<i>Rosmarinus officinalis</i> L. R- 202017 (OHB 61)	alecrim	Dores de barriga, bronquite, reumatismo, cicatrizante	Folhas
LAURACEAE <i>Persea americana</i> Mill. R- 202083 (OHB 46)	abacate	Problema nos rins, diurético, restaurador do fluxo menstrual, gases, prisão de ventre, reumatismo	Folhas e frutos
MALVACEAE <i>Hibiscus esculentum</i> L. R- 202071 (OHB 118)	quiabo	Furúnculos, puxar o pus de dentro das feridas	Folhas e frutos

Família e nome científico	Nome popular	Indicações	Parte vegetal utilizada
MALPIGHIACEAE <i>Byrsonima sericea</i> DC. R- 202038 (OHB 125)	murici	Diarreia, diabete	Frutos e raiz
<i>Malpighia glabra</i> L. R- 202057 (OHB 104)	acerola	Gripe	Frutos
MORACEAE <i>Artocarpus integrifolia</i> L. R- 202011 (OHB 92)	jaca	Diarreia	Folhas
<i>Morus nigra</i> L. R- 201999 (OHB 98)	amora	Aftas, diarreia, dor de garganta, inflamações na boca, diabete, problemas de menstruação e de ovário.	Folhas e frutos
MUSACEAE <i>Musa paradisiaca</i> L. R- 202073 (OHB 44)	banana	Machucadura, queimaduras, hemorragias, hemorroidas, inflamações, feridas, verrugas, artrite, úlceras no intestino, laxativo.	Cascas dos frutos, frutos e seiva
MYRTACEAE <i>Eugenia cauliflora</i> O. Berg (OHB 101)	jabuticaba	Asma, diarreia, inflamação da garganta.	Cascas do tronco e frutos
<i>Eugenia uniflora</i> L. R- 202034 (OHB 110)	pitanga	Gota, reumatismo, gripe.	Folhas e frutos
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine R- 202018 (OHB 54)	araçá-da-praia	Doenças das vias urinárias, diarreia.	Brotos, cascas do tronco e frutos.
<i>Psidium guajava</i> L. R- 202009 (OHB 95)	goiaba	Diarreia, dor de garganta, tosse.	Brotos, folhas e frutos.
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels R- 202088 (OHB 42)	jamelão	Diabete, diarreia	Cascas do tronco, folhas e frutos.
OXALIDACEAE <i>Averrhoa carambola</i> L. R- 202032 (OHB 93)	carambola	Pressão alta, diabete, problemas nos rins, feridas na pele	Folhas e frutos
PASSIFLORACEAE <i>Passiflora edulis</i> Sims R- 202079 (OHB 111)	maracujá	Dor de cabeça, nervoso, insônia, asma, diarreia, vermes.	Folhas e frutos
POACEAE <i>Saccharum officinarum</i> L. R- 202008 (OHB 114)	cana-de-açúcar	Cansaço, anemia, cólicas, digestiva, aftas, dor no fígado, prisão de ventre, rachaduras dos seios, coceiras, feridas, infecções, catarro, bronquite.	Parte interna dos colmos
<i>Zea mays</i> L. (OHB 96)	milho	Diurético, inflamações da bexiga, rins, olhos.	Estigmas e frutos
PUNICACEAE <i>Punica granatum</i> L. R- 202082 (OHB 89)	romã	Dor de garganta, vermes.	Cascas dos frutos e frutos
SAPOTACEAE <i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk. R- 202080 (OHB 79)	abiu	Tosse, bronquite, diarreia.	Folhas e frutos
SOLANACEAE <i>Capsicum annuum</i> L. R- 201995 (OHB 121)	pimentão	Hemorroidas, dor de estômago, prisão de ventre, pneumonia.	Frutos
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill. R- 202046 (OHB 132)	tomate	Inflamações purulentas, gripe, tosse, rouquidão, picadas de insetos, queimaduras, reumatismo.	Frutos
<i>Solanum paniculatum</i> L. R- 202075 (OHB 135)	jurubeba	Problemas nos rins, doenças venéreas, diurético, problemas no fígado, úlceras no estômago, inflamações em geral.	Folhas e frutos
ZINGIBERACEAE <i>Zingiber officinale</i> Rosc. R- 202076 (OHB 139)	gingibre	Digestivo, falta de apetite, cólicas, gases, tosse, bronquite, resfriado, catarro, asma, rouquidão, gripe.	Rizoma

Os resultados encontrados neste trabalho, com relação às principais famílias botânicas e aos órgãos das plantas mais utilizadas (folhas e frutos) coincidem com diversas publicações sobre plantas medicinais (VARGAS; RIOS, 1990; WAIZEL, 1990; STALCUP, 2000; CARVALHO *et al.*, 2001).

Os resultados revelam que existe uma ambiguidade das utilizações para fins alimentícios e medicinais, mostrando a complexidade das categorias nativas. Apesar dos avanços científicos, essas categorias, que fazem parte das estruturas de crenças e representações da população local, não desaparecem. Ou seja, essas plantas não são estritamente medicinais e nem alimentícias. Quando o pesquisador enquadrava essas citações em categorias fixas, ele opta por uma visão reducionista e acaba perdendo a essência das informações obtidas em campo. Por exemplo, uma planta indicada para se benzer uma determinada enfermidade, ela será incluída na Categoria de Uso ritual ou medicinal, já que a finalidade dela é trazer cura e bem estar? Ao mesmo tempo este pesquisador encontra-se em um dilema, pois se não incluí-las em Categorias de Uso, não terá como tratar estatisticamente os dados e nem como compará-los com outros trabalhos. Neste momento, ainda persiste uma segunda dificuldade, porque não existem Categorias pré-fixadas, dessa forma, cada um define suas próprias categorias, que nem sempre correspondem as definições de outros investigadores.

Na etnobotânica, a problemática das Categorias de Uso é recorrente, porém, nunca foi explicitada essa necessidade de se chegar a um lugar comum. São necessários estudos mais complexos sobre a classificação dessas categorias e seus significados, visto que, não há trabalhos científicos que proponham uma solução para tal dificuldade. Esta pesquisa exemplifica de forma prática como é obscura a inserção das informações êmicas em categorias e atenta para diálogo maior entre as diversas disciplinas que formam o arcabouço da etnobotânica como a biologia, antropologia, ciências sociais, agronomia, dentre outras.

4. Referências Bibliográficas

1. ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E.; REIS, S. VON. (Eds.) **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Dioscorides Press, 1995. p. 23-39.
2. ALEXIADES, M. N. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. Bronx: The New York Botanical Garden, 1996.
3. BAILEY, K. **Methods of social research**. New York: The Free Press, 1994.
4. BALÉE, W.; MOORE, D. Similarity and variation in plant names in five Tupi Guarani languages (Eastern Amazonia). **Bulletin of the Florida Museum of Natural History**, v. 35, n. 4, p. 209-262, 1991.
5. BOSCOLO, O.H. **Estudos Etnobotânicos no Município de Quissamã**, RJ. 2003. Dissertação (Mestrado em Botânica). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
6. CÂNDIDO, L. M. B.; CAMPOS, A. M. Alimentos funcionais. Uma revisão. **Boletim da Sociedade Brasileira de Ciência e Tecnologia de Alimentos**, v. 29, n. 2, p. 193-203, 2005.
7. CARVALHO, M. S.; SANTANA, M. D.; SILVA, A. D.; BISPO, S. Análise da flora medicinal do campus – UBM. **Estudos de Biologia**, n. 23, p. 4-42, 2001.
8. CLOTET J. O consentimento informado nos Comitês de Ética em pesquisa e na prática médica: conceituação, origens e atualidade. **Bioética**, v. 3, n. 1, p. 51-59, 1995.
9. OLFIELD, M. L.; ALCORN, J. B. **Biodiversity: culture, conservation and ecodevelopment**. Boulder: Westview Press, 1991.

10. REA, L. M.; PARKER, R. A. **Metodologia de Pesquisa: do planejamento à execução.** São Paulo: Editora Pioneira, 2000.
11. PAULO: Editora Pioneira, 2000.
12. SCHULTES, R. E.; REIS, S. V. (eds.) **Ethnobotany: evolution of a discipline.** Cambridge: Timber Press, 1995.
13. STALCUP, M. M. **Plantas de Uso Medicinal ou Ritual Numa Feira Livre no Rio de Janeiro, Brasil.** Dissertação (Mestrado em Botânica). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
14. TUXILL, J.; NABHAN, G.P. **Plantas, comunidades y áreas protegidas: una guía para El manejo in situ. Pueblos y plantas . Manual de conservacion.** Montevidéo: Editora Nordan Comunidad, 2001.
15. VARGAS, S. C.; RÍOS, P. J. Etnobotânica medicinal de Quimixtlan, Puebla. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 22, n. 8, p. 65-87, 1990.
16. XOLOCOTZI, E. H. El concepto de Etnobotânica. In: SIMPOSIO DE ETNOBOTANICA, 1992, Cidade de México. **Memórias Del.**, Cidade de México, p. 12-17, 1982.
17. WAIZEL, J. B. Panorama del proyecto botânica medica de la escuela nacional de medicina y homeopatia. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 13, n. 17, p. 34-41, 1990.
18. ZONEAMENTO AGROECOLÓGICO DA RESTINGA: Contribuição ao plano diretor de ocupação, Estudos do Meio Biótico. Prefeitura Municipal de Quissamã, Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, Coletivo Interdisciplinar de Consultores CIC, 1994.

Endereço para Correspondência:

Odara Horta Boscolo

odaraboscolo@hotmail.com

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Departamento de Biologia Geral - Setor Botânica

Outeiro de São João Batista s/n° - Niterói - RJ

CEP: 24020-150